

Carta de Análise Econômica Conjuntural



ANO 2 – NÚMERO 08 – AGOSTO 2012 • PROFESSORES RESPONSÁVEIS: FLÁVIO RIANI & RICARDO RABELO

1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As recentes divulgações dos principais indicadores de desempenho da economia brasileira mostram que o país alcançará níveis de crescimento econômico muito inferior aos estimados pelas autoridades governamentais e analistas econômicos.

Tal pressuposto é fruto da divulgação dos indicadores de produção industrial que mostram recuperação baixa. Por outro lado cresce também a expectativa de que os índices de preços também serão diferentes dos inicialmente projetados, cujo crescimento vem sendo de certa forma minimizados pela oferta externa, cuja participação no consumo, segundo a FIESP, já atinge mais de 24%.

Depois de período de queda recorrente, a produção industrial, de acordo com o IBGE, apresentou em junho um crescimento positivo de 0,2% frente ao mês imediatamente anterior, extremamente baixo se comparados com os níveis do ano anterior e muito aquém da demanda.

O setor externo da economia brasileira tem despertado preocupações com a perda de dinamismo de nossas exportações, pressionando nossa capacidade de financiar, com a conta capital e financeira um expressivo e crescente déficit de transações correntes.

1 – EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE PREÇOS

Prof. Flávio Riani

Os dados seguintes tratam de uma apresentação da evolução dos índices de preços no Brasil revelados pelo IPCA (Índice de preço so consumidor ampliado).

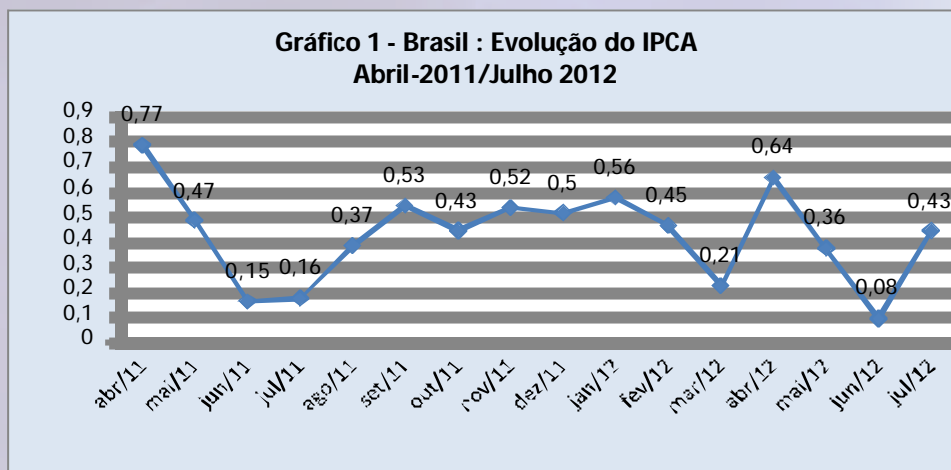
Inicialmente o gráfico 1 destaca a evolução das taxas mensais desse índice de abril de 2011 a julho de 2012.

Através deles observa-se que o índice de 0,43% apurado em julho de 2012 é muito superior ao do mês anterior e também ao verificado no mesmo mês no ano anterior quando ele alcançou apenas 0,16%.

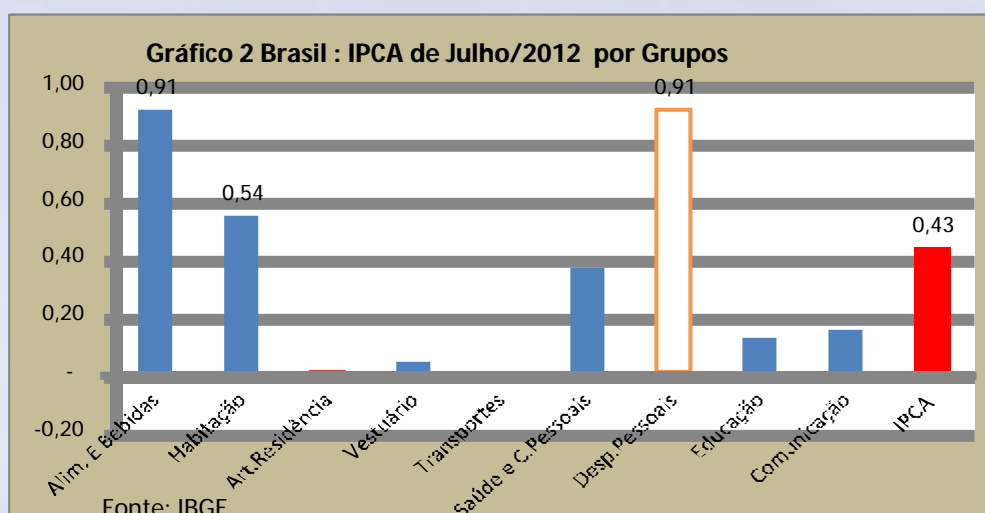
– EXPEDIENTE –

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: *Grão-Chanceler* – Dom Walmor Oliveira de Azevedo | *Reitor* – Professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães | *Vice-Reitora* – Professora Patrícia Bernardes | *Assessor Especial da Reitoria* – Professor José Tarcisio Amorim | *Chefe de Gabinete do Reitor* – Professor Paulo Roberto Souza | *Chefia do Departamento de Economia* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação do Curso de Ciências Econômicas* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação Geral* – Professor Flávio Riani e Professor Ricardo F. Rabelo

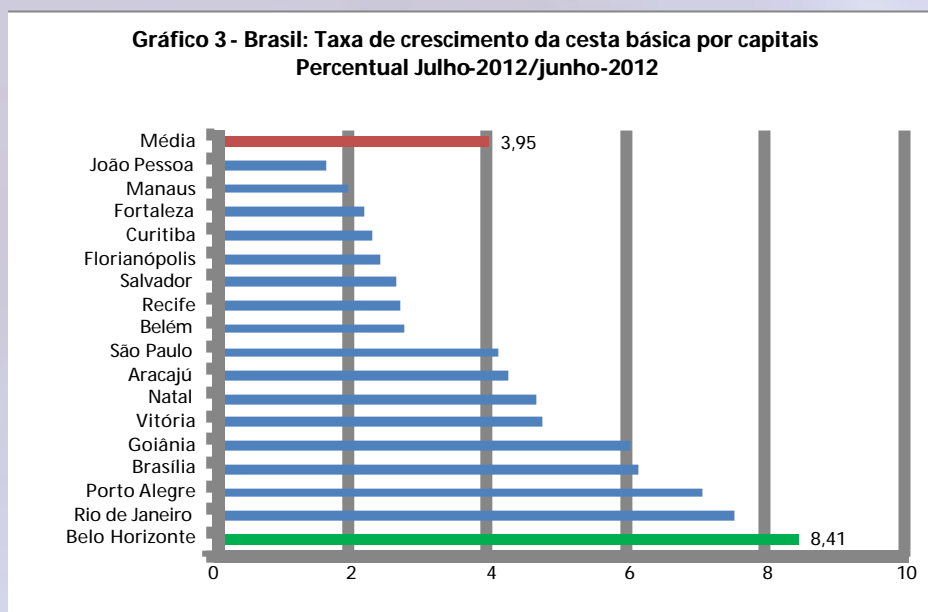
Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais: Prédio 14, sala 103 | Avenida Dom José Gaspar, 500 | Bairro Coração Eucarístico
CEP: 30535-901 | Tel: 3319.4309 | www.pucminas.br/iceg/conjuntura | icegdigital@pucminas.br



Tal resultado é fruto das oscilações ocorridas em alguns segmentos importantes na apuração dos preços que influenciaram sinficamente o índice médio. Tais fatos ocorreram com os segmentos de Alimentação e Bebidas e Despesas Pessoais cujos preços aumentaram em grandes proporções e relação ao mês anterior. Os pesos dessas variações podem ser observadas através do gráfico 2. Os dados do referido gráfico mostram que esses dois segmentos apresentaram elevados índices de crescimento quando os compara com os demais componentes da apuração do IPCA e também com o histórico recente das variações de preços nesses itens. Além desses dois grupos, chama também a atenção o item habitação cujo valor foi também muito superior aos dos demais itens.



As variações dos preços observadas no grupo Alimentos e Bebidas refletiram também na elevação dos preços das cestas básicas, cuja média de crescimento destacada no gráfico 3 aproximou a 4%.



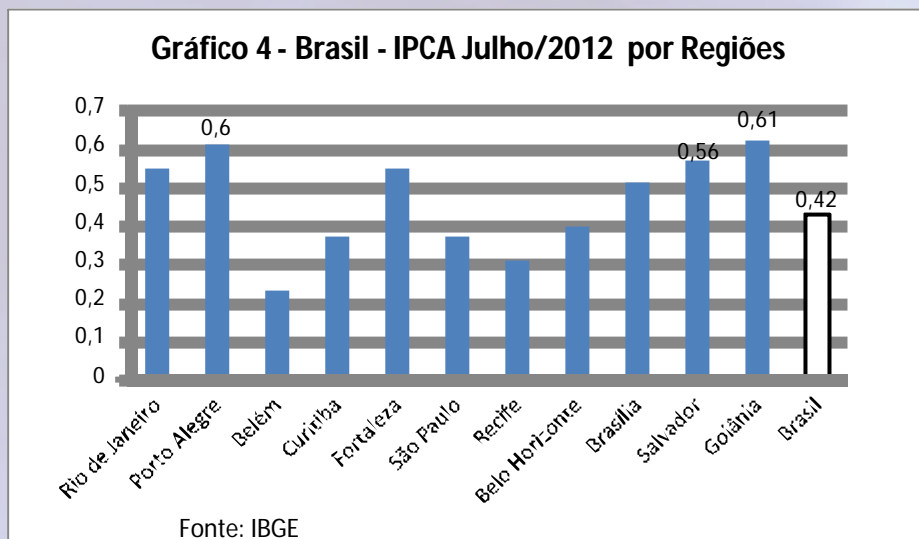
Os dados destacados na tabela 1 mostram os valores das cestas básicas apuradas nas principais capitais brasileira e também as variações ocorridas nos seus valores entre julho e junho de 2012. Eles mostram que o valor médio da cesta básica alcançou R\$ 247,80 gerando um crescimento médio de 3,95%.

Tabela 1 - Valor da Cesta Básica - Julho/2012

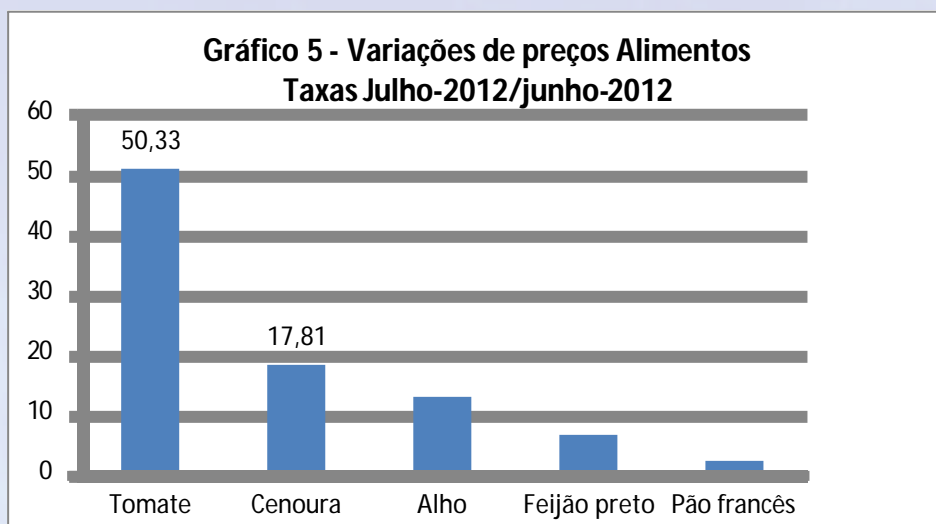
Capitais	R\$	Crescimento
Belo Horizonte	288,26	8,41
Rio de Janeiro	290,64	7,50
Porto Alegre	299,96	7,03
Brasília	275,58	6,11
Goiania	258,66	6,00
Vitória	290,80	4,72
Natal	245,17	4,63
Aracaju	208,14	4,23
São Paulo	299,39	4,09
Belém	259,89	2,74
Recife	237,66	2,68
Salvador	218,78	2,62
Florianópolis	266,38	2,41
Curitiba	268,00	2,29
Fortaleza	240,80	2,16
Manaus	279,06	1,95
João Pessoa	233,25	1,61
Média	247,80	3,95

Fonte: Dieese

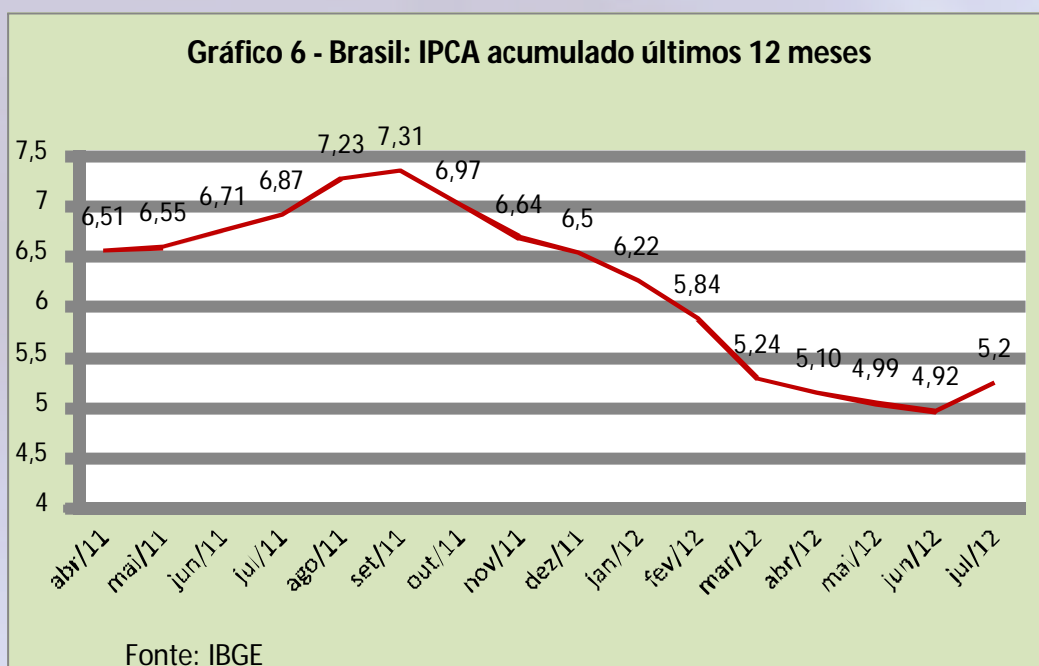
As variações nos preços nas diversas regiões metropolitanas mostram grandes diferenças nos valores apuradas. Enquanto em Goiânia e Porto Alegre as variações de preços superaram a faixa de 6% em Belém e em Recife elas foram 2,2% e 3% respectivamente, mostrando que as alterações foram diferenciadas mesmo considerando as grandes regiões brasileiras.



Em relação às variáveis que interferiram mais fortemente nas mudanças dos preços em julho, alguns produtos aparecem com maior intensidade como é o caso do tomate, cenoura, alho, feijão e pão cujas taxas de crescimento de julho em relação a junho estão destacadas no gráfico 5.



Por fim a elevação no índice do IPCA em julho alterou a trajetória de crescimento observada nos últimos 12 meses cujo valor em julho superou os observados nos últimos três meses, gerando a expectativa de que o índice anual supere as estimativas governamentais.



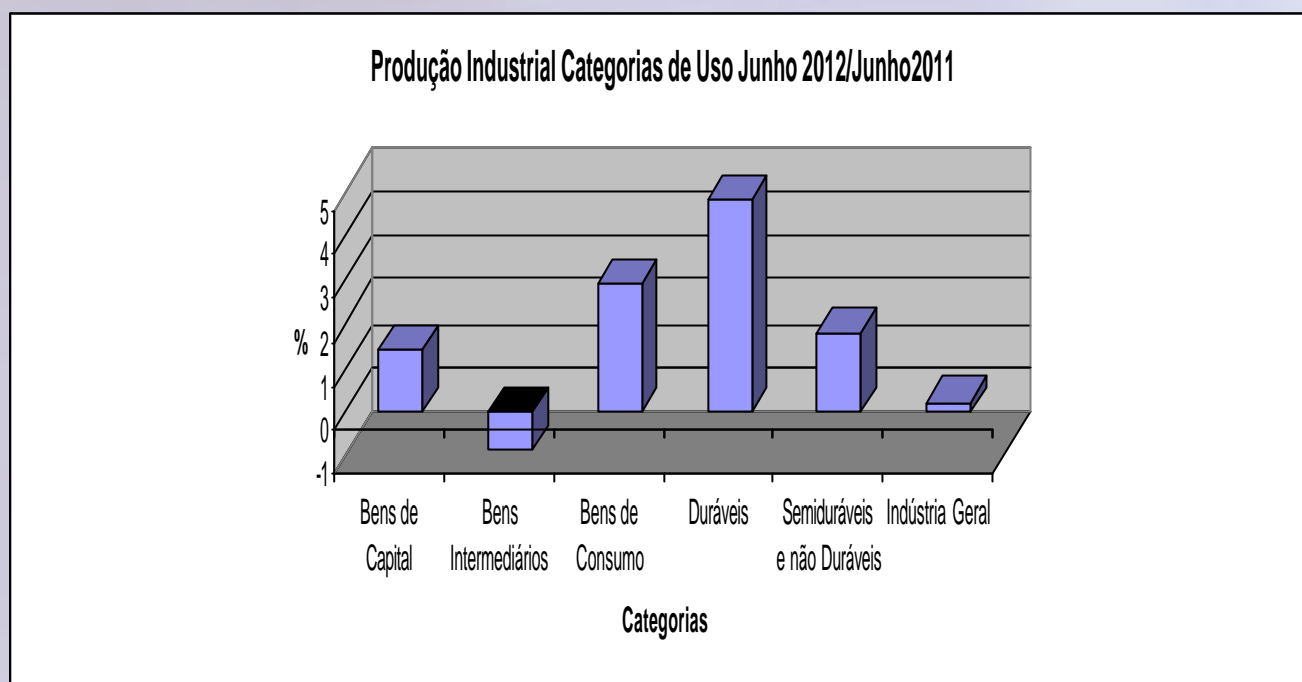
2 – PRODUÇÃO INDUSTRIAL MOSTRA RECUPERAÇÃO EM JUNHO

Prof. Ricardo F. Rabelo

Após um período de queda recorrente, a produção industrial, de acordo com o IBGE, apresentou em junho um crescimento positivo de 0,2% frente ao mês imediatamente anterior. Dos 27 setores abrangidos pela pesquisa, 12 mostraram variação positiva, em especial os setores de outros equipamentos de transporte (12,5%), farmacêutico (8,6%) e de veículos automotores (3,0%). Analisando a indústria do ponto de vista das categorias de uso, gráfico 7, continuando a comparação com o mês imediatamente anterior, a alteração mais positiva veio dos bens de consumo duráveis (4,8%). Os setores de bens de consumo semi e não duráveis (1,8%) e de bens

de capital (1,4%) também registraram taxas positivas em junho de 2012. O único setor a ter queda foi o de bens intermediários, com a variação negativa de 0,9%.

Gráfico 7



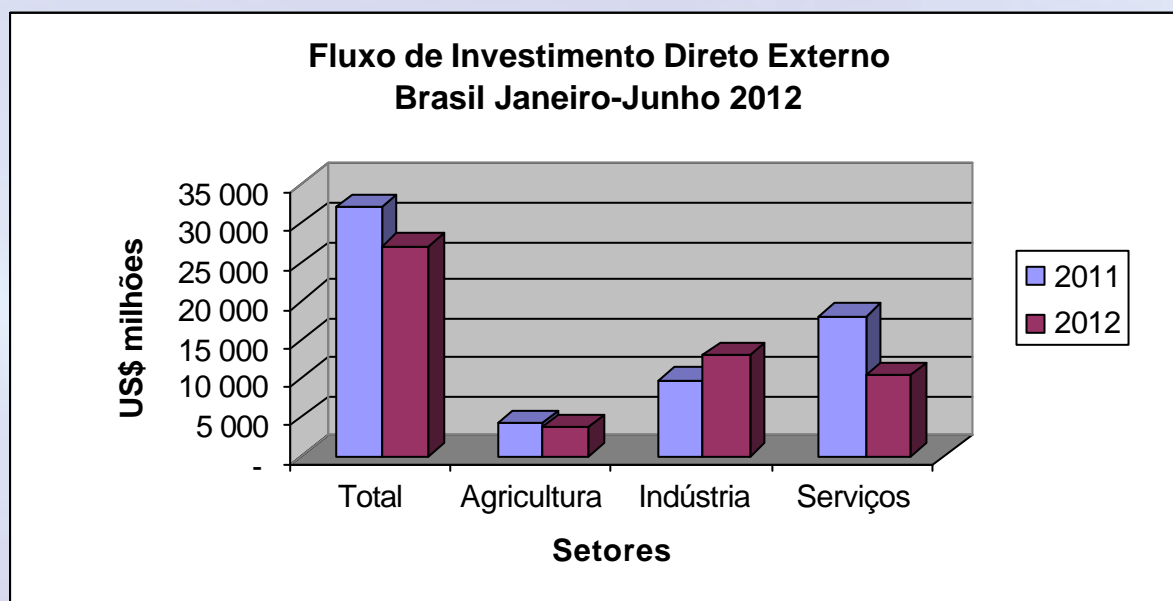
Esses indicadores de reanimação da produção industrial contrastam como o desempenho recente da produção industrial, caracterizado pelos resultados negativos. Em relação ao mês de junho de 2011, a produção industrial apontou queda de 5,5% em junho de 2012, o que também ocorre quando se compara o segundo trimestre de 2012 com igual período do ano anterior (-4,5%), ou com o trimestre imediatamente anterior (-1,1%). Por outro lado, indicador acumulado para os seis primeiros meses de 2012 apontou queda de 3,8% frente a igual período de 2011. Em base anual, o indicador acumulado nos últimos doze meses, recuou 2,3% em junho de 2012.

Aparentemente, começam a dar resultado as medidas adotadas pelo governo desde o 2º. Semestre de 2011, buscando estimular o crescimento da economia. No setor de bens de consumo duráveis já é patente o impacto positivo do incentivo de redução de impostos na compra de automóveis e produtos da linha branca, elemento importante para uma trajetória de recuperação forte desse segmento no mês. Como se sabe, o governo vem adotando medidas inegavelmente relevantes para desfazer algumas limitações ao crescimento, como a redução da taxa básica de juros, a estratégia de reduzir o “spread” excessivo dos bancos e as medidas fiscais e monetárias para que se mantenha uma taxa de câmbio competitiva para a indústria. Destacam-se, também,

ações de política industrial que possibilitem o surgimento de uma estrutura mais moderna e dinâmica no setor.

Um dos resultados dessa possível recuperação do crescimento é romper as expectativas mais pessimistas de empresários e bancos, possibilitando que as medidas adotadas pelo governo desde o ano passado enfim se traduzam em efetivo incentivo para o crescimento econômico. Dessa forma, é muito provável que a indústria tenha uma performance positiva no segundo semestre, persistindo, no entanto, a dúvida com relação aos fatores externos, cujo impacto negativo só se aprofundará no período, conformes analisamos anteriormente. Apesar das mudanças da política econômica, a recuperação, pelo setor industrial de sua capacidade de exportar e de concorrer com o produto importado no mercado interno depende do comportamento da demanda externa, de um lado, e da melhoria da produtividade do setor, de outro.

Um fator que pode influenciar na questão da produtividade é a retomada do fluxo de capital estrangeiro para o setor industrial. Conforme informações do Banco Central, divulgadas no início de agosto, gráfico 8 a seguir, a indústria brasileira readquiriu a primazia na escolha dos investidores estrangeiros, que anteriormente se dirigia ao setor de serviços. Neste primeiro semestre, a entrada de investimentos estrangeiros diretos para aquisições de participação no capital de empresas industriais foi de US\$ 12,9 bilhões, com aumento de 33%.



O capital estrangeiro demonstra sua fé na recuperação da indústria e acaba seguindo o caminho do consumo doméstico, que permanece forte e com crescimento superior ao da demanda dos países centrais. Além da metalurgia, que obteve 32,6% dos investimentos no 1º. Semestre de 2012, os setores que mais receberam recursos externos (ou se tornaram objeto de fusões e aquisições) foram o alimentício(21,7%) e farmacêutico(9,3%). Tudo indica que o investidor estrangeiro está mais otimista com a economia brasileira do que os empresários brasileiros, e busca obter posições estratégicas em um mercado que, ao contrário da União Européia ou do próprio Estados Unidos pode apostar na perspectiva de aumento da renda e de manutenção do baixo nível de desemprego.

3 - Setor Externo em 2012: Déficit em Transações Correntes será financiado pelo Investimento Estrangeiro?

Prof. Ricardo F. Rabelo

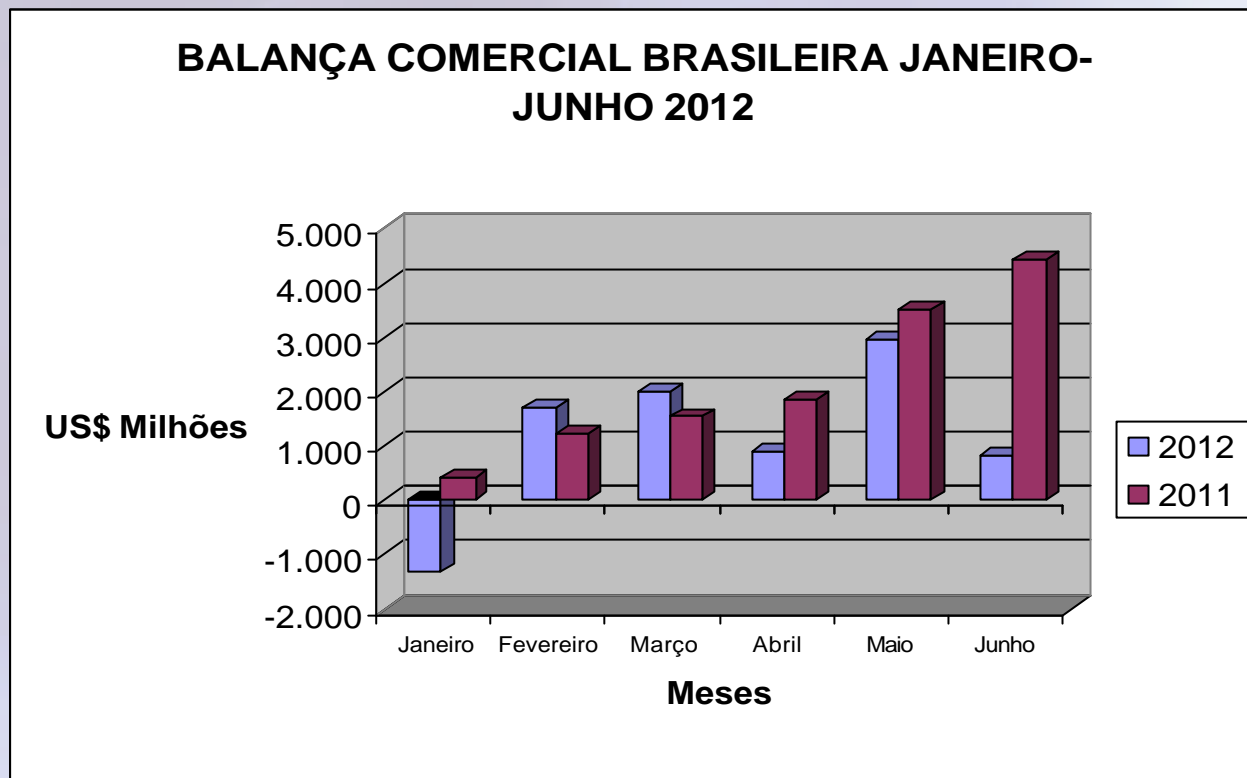
A evolução do setor externo da economia brasileira neste ano tem despertado preocupações com a perda de dinamismo de nossas exportações, mas principalmente quanto a nossa capacidade de financiar, com a conta capital e financeira um expressivo e crescente déficit de transações correntes (gráfico 9).

No acumulado do ano até junho, o saldo da Balança Comercial atingiu R\$ 7.069.371.162, apresentando uma significativa redução de 45,45% em relação aos 12.959.029.876 obtidos no mesmo período em 2011. Em janeiro,, ocorreu, pela primeira vez em muitos anos, um déficit na Balança comercial e a partir de abril, em cada mês o saldo apresentou variação negativa em relação ao mesmo período de 2011. A explicação para este desempenho reside em fatores que impulsionaram o crescimento das importações, como a expansão do volume de crédito que, em 12 meses até junho cresceu 20% em relação ao mesmo período de 2011, alcançando R\$ 1,834 trilhão. As exportações tem apresentado, ao mesmo tempo, queda no volume exportado e nos preços. Como resultado da crise financeira internacional, há uma redução no crescimento da economia mundial, fazendo com que a demanda por bens exportados pelo Brasil diminuam. A crise provoca o crescimento da competição internacional nos mercados compradores, o que dificulta as vendas externas brasileiras.

O resultado é que , na comparação entre o 1º. Semestre de 2012 com o 1º. Semestre de 2011 o quadro é de total retração das exportações. Neste período, as exportações registraram retração em relação à igual período de 2011, os produtos manufaturados (-1,0%, para US\$ 43,288 bilhões), básicos (-1,4%, para US\$ 55,838 bilhões) e semimanufaturados (-6,5%, para US\$ 15,241 bilhões).

Com relação aos preços, houve retração de produtos básicos (-4,7%) e semimanufaturados (-2,0%), enquanto os manufaturados cresceram 3,7%. Em volume, apresentaram crescimento: básicos (+4,7%), já os manufaturados e os semimanufaturados retrocederam 3,7%.

Gráfico 9



Fonte: MDIC

O impacto da crise internacional fica claro quando se analisa os destinos das exportações neste mesmo período. A principal região em crise, a União Européia, registrou queda de 7,0% nas exportações, de US\$ 25,5 bilhões para US\$ 24,0 bilhões. A participação da região nas exportações brasileiras caiu de 21,6% para 20,4%. Destaca-se nesse quadro a queda nas vendas para a Europa Oriental, que tiveram sofreram retração de 38,0% e totalizaram US\$ 2,1 bilhões em 2012. Também houve retração nas exportações para o Oriente Médio (10,5%), América Latina e Caribe (3,7%) e Mercosul(14,7%). A participação das exportações ao Mercosul no total das vendas brasileiras recuou de 10,9% para 9,5%, com destaque para a Argentina, cujas compras caíram 16%.

O acréscimo mais expressivo no período ocorreu nas vendas aos Estados Unidos. Houve uma expansão de 16,5%, saltando de US\$ 11,8 bilhões no primeiro semestre de 2011 para US\$ 13,8 bilhões em igual intervalo de 2012.

No mercado asiático, as exportações brasileiras cresceram 5,0% e totalizaram US\$ 35,9 bilhões em janeiro-junho de 2012. A China, principal destino comercial no bloco, registrou compras no valor de US\$ 21,2 bilhões, um aumento de +4,7%.

Com este comportamento da Balança comercial, que deve fechar o ano com saldo de US\$ 18 bilhões, segundo o Banco Central, aumenta a preocupação com a trajetória do Déficit em Transações Correntes, que atingiu, no 1º. Semestre de 2012, o valor de (25.342)¹ bilhões de dólares, menor que o registrado no 1º. Semestre de 2011. Esta queda é explicada pelo comportamento da Balança de Serviços e Rendas, que registrou elevação do déficit na conta de serviços de (17.993) US\$ bi para (19.679) US\$ bi compensada pela queda do déficit na conta de Rendas, evoluindo de (22.577) US\$ bilhões no 1º. Semestre de 2011 para (14.178) US\$ bilhões no mesmo período de 2012. Uma das explicações para esta redução estaria na menor remessa de lucros e dividendos ao exterior devido à desvalorização de real no período recente.

A grande questão é: será possível financiar este déficit, através da conta de capital, e principalmente com a entrada de Investimento Estrangeiro Direto? (IED). Houve, até junho, uma queda significativa da entrada de investimento estrangeiro em carteira de 12,43 US\$ bilhões em 2011 para 7,5 US\$ bilhões em 2012. O próprio Banco Central divulgou, em maio, projeção de uma entrada de IED em 2012 de 50 US\$ bilhões, para um déficit em transações correntes projetado para -56 US\$ bilhões. Até Junho, o IED acumulou 29,72 US\$ bilhões. O Banco Central, estima que o desempenho do IED em julho, que deve ficar em US\$ 7 bilhões, o que levou o próprio Banco a refazer seus cálculos, tornando possível o financiamento do déficit em transações correntes pelo IED, ambos com valores projetados para cerca de US\$ 56 bilhões. A expectativa do Bacen é que, no 2º. Semestre, haja um aumento de investimentos estrangeiros tendo em vista que alguns projetos do governo como a desoneração do PIS / Cofins e Imposto de Renda das parcerias público-privadas e o pacote de novas concessões de infra-estrutura.

¹ Valores entre parênteses são negativos